

Fronteira megalítica: algumas considerações gerais (enquanto as particulares não estão ainda disponíveis) a respeito das «necrópoles megalíticas» da área do concelho de Fronteira

Marco António Andrade*

0. Nota prévia: uma pequena introdução, seguida de algumas explicações e agradecimentos

Este trabalho procura apresentar, de modo geral, as «necrópoles megalíticas» do concelho de Fronteira, analisando o fenómeno de «megalitização» da paisagem, baseado na implantação específica dos monumentos. Procura-se, então, definir sinteticamente a relação espacial entre os monumentos das várias necrópoles identificadas e entre estes e os possíveis espaços de habitat dos seus construtores e utilizadores, inserindo ambos na respectiva paisagem.

São, como se refere, algumas considerações gerais, estando-se a trabalhar para a apresentação futura das particulares. São, com efeito e como já referido, observações e não conclusões – na medida em que, no estado actual dos conhecimentos, qualquer conclusão seria imprudentemente precipitada, excessivamente frágil, facilmente abalável e extremamente difícil de sustentar.

É imprescindível, neste contexto, agradecer ao Dr. André Carneiro, de quem partiu o convite para a realização deste trabalho e da sua apresentação nas III Jornadas Arqueológicas do Norte Alentejano e que amavelmente disponibilizou as informações por si recolhidas (algumas, à altura, ainda inéditas) no âmbito do projecto *Levantamento Arqueológico de Fronteira*. Um novo agradecimento seja feito, pela paciência com que me conduziu aos diversos monumentos e sítios do *seu* Concelho.

Ao Professor Victor S. Gonçalves agradece-se o sempre inestimável e imprescindível apoio, as oportunas sugestões e as saudáveis críticas que em muito contribuíram para o apuramento de este trabalho.

Fica também o agradecimento ao Arq.º António Alfarroba, pelo apoio na realização das vistas isométricas do terreno que em muito contribuíram para uma mais clara explanação da heterogeneidade da implantação dos monumentos megalíticos do Concelho de Fronteira, e a consequente ajuda no manuseio de um *software* específico, sem a qual esta simples acção se teria tornado em uma verdadeira tarefa hercúlea...

1. Fronteira megalítica: a área em questão e o universo de análise

1.1. O espaço físico

O concelho de Fronteira localiza-se administrativamente no Distrito de Portalegre, na sua área austral, situando-se entre os concelhos de Avis, Alter do Chão, Monforte, Estremoz e Sousel. Pertence ainda à bacia hidrográfica do Tejo, encontrando-se já numa área de contacto

* Licenciado em História, variante de Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

(e precisamente pela bacia hidrográfica da Ribeira Grande) com a bacia hidrográfica do Guadiana – numa área que, em termos gerais e macro-regionais, está cingida pela Ribeira da Seda e pelo Rio Caia.

Em relação à geo-morfologia da paisagem, a área do concelho de Fronteira caracteriza-se como um espaço de relativa heterogeneidade orográfica. Morfologicamente, podemos distinguir várias realidades concretas, dependentes, principalmente, do contexto geológico em que se evidenciam. Estas várias unidades geo-morfológicas desenvolvem-se, *grosso modo*, no sentido NW/SE, o mesmo sentido que tomam as importantes cadeias montanhosas de S. Mamede e Ossa. Assim, as alterações topográficas registadas na área do concelho de Fronteira prendem-se com o próprio ciclo formacional de ambas serras, observável nas dobras do terreno e na disposição geológica da área. Com efeito, geo-morfologicamente, divide-se entre a pene-planície do Alto Alentejo (mal conservada de Cabeço de Vide para Sul, com alguns relevos de dureza) e o enchimento terciário da bacia do Baixo Tejo.

A zona oriental, onde se encontram as mais importantes ocorrências megalíticas de Fronteira, caracteriza-se como uma área de paisagens levemente onduladas, mas onde se encontram elevações imponentes e numerosos relevos residuais. A zona ocidental, caracterizada por um relevo muito acidentado, com os vales dos principais cursos de água muito escavados e superfícies muito dissecadas, alternando com zonas planálticas que correspondem geologicamente aos depósitos terciários do Tejo (Feio e Daveau, 2004).

Aqui, é possível reconhecer duas grandes unidades geológicas de base, dispostas obliquamente no território cortando o concelho sensivelmente a meio (no sentido NW/SE), que compõem o substrato hercínico dominante na região (Gonçalves e Fernandes, 1973). A primeira de elas corresponde aos xistos do Silúrico inferior, cobertos em certas zonas por manchas de calcários margosos, arenitos e cascalheiras correspondendo a depósitos continentais pertencentes à bacia terciária do Tejo. A segunda corresponde a xistos e grauvaques câmbrios, assumindo em algumas áreas o aspecto de cristas rochosas. Reconhecem-se também algumas franjas intrusivas de ortognaisses graníticos e sieníticos.

Reconhecem-se, a par das unidades acima descritas, manchas de rochas intrusivas – registadas principalmente na metade oriental do concelho. São, basicamente, manchas de granitos calco-alcalinos, biotíticos e porfiróides e manchas de basitos (gabros, gabros olivínicos, anortositicos, hipersténicos) com manchas internas de ultrabasitas.

A primeira mancha (de granitos) é cortada transversalmente pelo curso da Ribeira Grande, subsidiária da Ribeira da Seda, que corre transversalmente à área do concelho e que, de certa maneira, estrutura o território e, conseqüentemente, a sua ocupação. Com efeito, grande parte do concelho de Fronteira inclui-se na bacia hidrográfica deste importante curso de água. Trata-se, no geral, de uma área bastante bem drenada, principalmente na metade oriental, com abundantes linhas de água, algumas de elas de curso sazonal.

Entre os cursos de água mais importantes contam-se, para além da Ribeira Grande, as Ribeiras de Ana Loura, Sousel, Lupe e S. Saturnino a Sul e as Ribeiras de Verdigão, Juncal, Arneiros, Pau, Matança, Meloeiro, Vide, Chaminé e Sarrazola a Norte.

As classes de solo apresentam igualmente uma grande variabilidade. Maioritariamente os solos são de classe C, pontilhados com pequenas manchas de solos de classe B e D. O vale da Ribeira Grande constitui-se principalmente por solos de classe E, alargando-se na área granítica, onde se encontram as maiores concentrações megalíticas, desde o Monte dos Arneiros até à Herdade Grande e onde surgem algumas pequenas ocorrências de solos de classe B, C e D. Os vales dos restantes cursos de água de maior porte são compostos por solos de classe A, cortando manchas de solos de classe C e E.

1.2. O espaço megalítico

As ocorrências megalíticas do concelho de Fronteira encontram-se registadas em cerca de três dezenas de casos referenciados, entre monumentos conhecidos e relocizados, monumentos inéditos e monumentos para os quais apenas se dispõe de informação bibliográfica ou informação oral.

Desde logo se salienta o reconhecimento de núcleos megalíticos, a par da ocorrência de alguns monumentos isolados que, pela sua específica localização, permitem algumas observações pertinentes para a definição do fenómeno de «megalitização» da paisagem no concelho de Fronteira. Definem-se as «necrópoles megalíticas» da Serra das Penas, Herdade Grande (e seus «monumentos-satélite»), Pessilgais/Arneiros, Vale de Maceiras e Ladeira, ao mesmo tempo que surgem como monumentos isolados as Antas dos Aroeirais, Mortágua e Tapada Alta – incluindo-se também nesta categoria os monumentos não localizados de Barba de Pele, Monte Branco do Mato e Porto de Melões.

As mais importantes ocorrências registam-se na metade oriental do concelho, inseridas numa paisagem levemente ondulada, característica da pene-planície alto-alentejana. Situam-se em áreas bastante irrigadas, bem drenadas, dentro ou nas envolências das manchas de granitos e basitos ou nas zonas de contacto entre estas e os xistos câmbricos, em solos maioritariamente de classe E, mas onde se encontram algumas manchas de solos de outras classes.

Assim, as principais «necrópoles megalíticas» do concelho e os mais evidentes vestígios de habitat localizam-se nesta zona específica, onde se encontram as condições geológicas preferenciais para a construção de grandes monumentos (nomeadamente, as rochas granitóides), incluídas em uma orografia favorável, com paisagens levemente onduladas e com condições de assentamento razoáveis, drenada por uma rede hidrográfica relevante, com áreas bastante irrigadas e com fácil acesso à importante fonte de recursos que constitui a Ribeira Grande, encontrando-se por aqui pequenas manchas de solos leves, ideais para a pequena agricultura de enxada. Com efeito, pelo que se conhece, a mancha granítica identificada no concelho reúne todas as condições para o assentamento das comunidades megalíticas, assumindo-se como área preferencial de exploração de recursos.

Contudo, outras importantes ocorrências surgem fora de este contexto. A «necrópole megalítica» da Serra das Penas implanta-se sobre a crista rochosa de conglomerados grauvaquicos que se levanta nos xistos câmbricos, na área Nordeste do Concelho. A «necrópole megalítica» da Ladeira, por sua vez, encontra-se instalada sobre xistos silúricos, no extremo Noroeste de Fronteira. As ocorrências de monumentos isolados surgem, por sua vez, maioritariamente em contextos de xistos silúricos.

2. Alguns casos concretos: as «necrópoles megalíticas» de Fronteira

2.1. «Necrópole megalítica» da Serra das Penas

A «necrópole megalítica» da Serra das Penas compreende, em princípio, quatro monumentos megalíticos de grande variabilidade arquitectónica, um dos quais se situa já no espaço do Concelho de Alter do Chão (Arneirinhos). Implanta-se ao longo de três elevações escarpadas, que correspondem geo-morfologicamente à Serra das Penas, disposta no terreno no sentido NW/SE e assumindo o aspecto de uma crista rochosa de conglomerados interformacionais que se levanta nos xistos, quartzitos e grauvaques cloritizados câmbricos. Daqui se tem um excelente domínio visual sobre toda a paisagem envolvente – no entanto, limitado no quadrante Noroeste pelo imponente conjunto de elevações que se estende de Cabeço de Vide a Alter do Chão e assim resumido aos férteis vales das Ribeiras de Pascoais e Chaminé. Nos restantes quadrantes, o domínio visual recai sobre toda a área do Concelho de Fronteira e, principalmente, sobre o vale da Ribeira Grande, esbatendo-se o horizonte ao fundo, na silhueta da Serra d'Ossa.

A visibilidade entre os vários monumentos desta necrópole parece ser discutível, já que estes se encontram camuflados entre as fragas da Serra. O conjunto prima, para além da sua localização excepcional, pela variabilidade arquitectónica dos monumentos – registando-se monumentos de Câmara sub-circular (nove esteios) e sem Corredor/fechados (Serra das Penas), monumentos de Câmara rectangular transversal (oito esteios) de Corredor longo (Coutada) e monumentos de Câmara poligonal (sete esteios) e Corredor muito longo (Caldeira). Arneirinhos é descrita apenas como um grande monumento de corredor, muito destruído (Leisner e Leisner, 1959).

2.2. «Necrópole megalítica» da Herdade Grande.

Localiza-se num espaço cercado pela Ribeira Grande (a Norte) e pelas Ribeiras de Ana Loura e S. Saturnino (a Oeste e Este, respectivamente), pontilhado aqui e ali por grandes afloramentos graníticos. Ocupando, em termos gerais e em sentido macro-geográfico, uma área de vertente, descendo levemente até à linha da Ribeira de Ana Loura, a «necrópole megalítica» da Herdade Grande compreende dez monumentos construídos inteiramente em granito, que, aparentemente, apresentam uma grande homogeneidade morfológica, (sendo basicamente monumentos de Câmara poligonal de sete esteios e de Corredor curto/médio, variando essencialmente em termos dimensionais). No entanto, o elevado estado de destruição em que algumas se encontram (nomeadamente os monumentos 7 a 10), não permite uma análise precisa das suas características específicas.

A implantação dos monumentos também é variável, encontrando-se monumentos no topo de pequenas elevações (monumentos 2, 4, 7 e 10) a par de outros situados nas encostas destas (monumentos 1, 3, 5 e 8) ou no seu sopé (monumentos 6 e 9). Mantêm uma incrível relação de inter-visibilidade, sendo possível, de qualquer um dos monumentos, avistar pelo menos outros dois. Daqueles que se encontram a cotas mais elevadas (como por exemplo, os monumentos 4, 5 e 10) é possível avistar todos os restantes. Percebe-se, portanto, que a relação de visibilidade entre os monumentos da Herdade Grande é, para além da proximidade relativa entre eles, o ponto mais favorável para a sua definição enquanto «necrópole megalítica».

As escavações de J. L. de Vasconcellos nestes monumentos revelaram escasso espólio, nomeadamente um fragmento de lâmina na Anta 1 e fragmentos de recipientes cerâmicos nas Antas 1 e 6 (Vasconcellos, 1929). Refira-se também a presença de «covinhas» na face externa do Chapéu do monumento 2 e na face externa do primeiro esteio da Câmara do monumento 6.

2.2.1. «Monumentos-satélite» da «necrópole megalítica» da Herdade Grande

Não fazendo necessariamente parte do conjunto da Herdade Grande, mas encontrando-se na sua envolvência imediata, estes monumentos foram definidos como «monumentos-satélite» daquela «necrópole megalítica», por, de certa maneira, manterem uma relação visual com a área daquela necrópole e puderem, de certo modo, estar relacionados com as comunidades que a construíram e utilizaram.

A anta dos Cavaleiros, monumento de granito de tipologia desconhecida, implanta-se numa área sensivelmente plana, a pouca distância da «necrópole megalítica» da Herdade Grande (mantendo igualmente uma relação visual com vários sítios de habitat). Horta das Antas corresponde a um monumento megalítico de granito de dimensão média, apresentando o Corredor descentrado em relação ao eixo da Câmara. Na área mesial do Corredor, em ambos lados, encontram-se duas lajes de xisto fincadas, que poderão pertencer ao encaixe de uma qualquer estrutura de fecho. Encontra-se separado da «necrópole megalítica» da Herdade Grande pela Ribeira de Ana Loura, implantando-se numa encosta que desce até a um curso de água subsidiário daquela Ribeira. Daqui se avista toda a área da Herdade Grande. A Anta de S. Saturnino trata-se, possivelmente de um monumento já destruído – segundo informação de J. L. Saavedra Machado (1964), existiria uma anta nesta área. A sua não identificação permite supor que terá sido destruída, tendo-se identificado no local blocos de granito, possivelmente esteios, que terão pertencido ao monumento. Encontrar-se-ia separada da «necrópole megalítica» da Herdade Grande pela Ribeira de S. Saturnino, implantando-se no topo de uma elevação com destaque na paisagem.

2.3. «Necrópoles megalíticas» de Pessilgais e Arneiros.

Tratam-se de dois conjuntos de monumentos megalíticos que poderiam ser considerados independentemente. No entanto, a sua situação geográfica específica levou a considerá-los como parte de uma mesma realidade. Com efeito, dispõem-se de um modo sensivelmente linear ao longo do arco de uma espécie de anfiteatro natural encabeçado pela imponente elevação da

Cabeça de Vaiamonte (onde se registam ocupações neolíticas e calcolíticas), que daí desce até à linha da Ribeira Grande, ocupando uma área baixa constituída pelos vales das Ribeiras do Juncal, Arneiros, Pau e Matança, subsidiárias daquele curso de água. Situa-se na área de contacto dos granitos calco-alcalininos com os xistos cloritizados câmbricos.

Tratam-se de antas de granito que, em princípio, se incluem na categoria dos monumentos ortostáticos «tipicamente» alentejanos, com Câmara poligonal composta por sete esteios organizados a partir do esteio de Cabeceira. Apenas em Arneiros 1 o Corredor se preserva, apresentando um comprimento de cerca de 6 m. Apresentam igualmente implantações diversas, encontrando-se Pessilgais 1 em zona de vale (praticamente sobre um curso de água), Pessilgais 2 no extremo de uma área sensivelmente aplanada, sobranceira à Ribeira do Juncal, Pessilgais 3 numa pequena elevação situada numa área de vertente que desce até à Ribeira do Juncal, Arneiros 1 no topo de uma pequena elevação inserida numa paisagem levemente ondulada e Arneiros 2 numa vertente suave, voltada a Sul, descendo para a Ribeira do Pau.

Registe-se a elevada presença de blocos de quartzo na área do *Tumulus* de Arneiros 1 e a proximidade de Pessilgais 3 e Arneiros 2 a afloramentos com «covinhas». Refira-se também a recolha de uma placa de xisto oculada à superfície da Câmara de Pessilgais 2 (Leisner e Leisner, 1959).

2.4. «Necrópole megalítica» de Vale de Maceiras.

Situada na margem direita da Ribeira de Ana Loura, a «necrópole megalítica» de Vale de Maceiras é constituída por dois monumentos – um deles (Anta 2 de Vale de Maceiras) situado já no concelho de Sousel. A paisagem em que se insere é razoavelmente homogénea, de um ponto de vista local, com diversas pequenas elevações que moldam a estrutura da área, drenada por pequenos cursos de água subsidiários da Ribeira de Ana Loura.

Ambos monumentos são de granito, seguindo mais uma vez o esquema dos monumentos «tipicamente» alentejanos. Vale de Maceiras 1 implanta-se na encosta de uma pequena elevação que desce até à Ribeira de Ana Loura, que corre poucos metros a Oeste do monumento, sendo este mais perceptível para quem se aproxima vindo de esta. Registe-se que, exactamente em frente do monumento, encontra-se um «porto» da Ribeira de Ana Loura, sendo usado ainda hoje como ponto de travessia. Para quem se aproxima de Este, o monumento não causa tanto impacto. Vale de Maceiras 2 implanta-se numa área deprimida, cingida a toda a volta por pequenas elevações, na área de confluência de dois pequenos cursos de água subsidiários da Ribeira de Ana Loura.

Existem registos de uma enxó de anfíbolito proveniente desta anta, tendo o casal Leisner recolhido um grande fragmento de uma pequena taça de fundo plano aquando do levantamento da planta do monumento.

2.5. «Necrópole megalítica» da Ladeira e Anta do Canejo.

A «necrópole megalítica» da Ladeira encontra-se no extremo Noroeste do Concelho de Fronteira. Localiza-se numa explanada sobranceira à Ribeira de Sarrazola, inserida numa área de relevo irregular, e seria composta por três monumentos (um dos quais ainda não localizado), aos quais se poderia juntar igualmente a Anta do Canejo (também ainda não localizada).

Correspondem (Ladeira 1 e 2) a dois pequenos monumentos de xisto. Implantam-se numa pequena plataforma, sendo mais compreensíveis na paisagem para quem se aproxima pelo quadrante Nordeste, do vale de um pequeno curso de água subsidiário da Ribeira de Sarrazola, tendo um destaque mais esbatido para quem se aproxima pelos restantes quadrantes – localizam-se, assim, em ambos extremos desta plataforma, dominando o vale da Ribeira de Sarrazola, com uma incrível relação de inter-visibilidade. Refira-se a presença de inúmeros blocos de quartzo, provenientes da desestruturação da estrutura tumular, dispersos em redor de ambos monumentos. Registe-se, ainda, a presença de um conjunto de «covinhas» na face externa do Chapéu de Ladeira 2 (tombado a W do monumento).

O terceiro monumento da Ladeira, dispondo-se apenas de informação oral sobre a sua existência (as diversas diligências levadas a cabo por André Carneiro, tendo em vista a localização deste monumento revelaram-se, até hoje, infrutíferas), apresenta morfologia desconhecida – mas, tendo em conta o conjunto, poderia tratar-se de outro pequeno monumento em xisto, não se sabendo exactamente onde se localizaria. A anta do Canejo não teria sido já localizada por G. e V. Leisner; na visita recente à área, tendo precisamente em vista comprovar a sua existência, não permitiu igualmente a sua identificação.

2.6. Alguns monumentos isolados.

Definiram-se desta maneira os monumentos megalíticos que não apresentam nenhum tipo de relação com outro monumento ou conjunto de monumentos, assumindo-se como ocorrências isoladas na paisagem.

Mortágua é um pequeno monumento megalítico de xisto, com Câmara (composta por oito esteios) e Corredor, implanta-se no fundo da encosta de um outeiro que desce até uma área aplanada, no vale da Ribeira de Sousel, já no seu leito de cheia, junto de um vau deste curso de água.

A anta dos Aroeirais corresponde a um monumento megalítico de granito, implanta-se no topo de um outeiro, no extremo de um pequeno esporão sobranceiro à Ribeira da Coutada com um excelente domínio visual sobre todo o quadrante Nordeste, avistando-se toda a área entre Cabeço de Vide e a Cabeça de Vaiamonte. Sugere um grande impacto para que se aproxima de Nordeste, do vale da Ribeira da Coutada, tendo uma imponência mais esbatida para quem se aproxima dos restantes pontos cardiais.

Tapada Alta é um monumento megalítico de xisto grauváquico, implantado no alto de um outeiro elevado, dominando toda a área baixa dos vales das Ribeiras de Pascoais e Chaminé, mantendo uma excelente relação visual com o sítio da Tapada do Vaz, no outeiro mais elevado a Este. A sua relação com a «necrópole megalítica» da Serra da Penas poderia ser evidenciada pela sua relativa proximidade. No entanto, a implantação específica daquela necrópole, que domina no lado oposto os vales dos referidos cursos de água, limita-a ao acidente topográfico em que se insere, resumindo-a exclusivamente aos monumentos que a compõem.

Os monumentos de Barba de Pele e Monte Branco do Mato correspondem a monumentos para os quais apenas se dispõe de informação bibliográfica (Neto, 1976-77), não tendo sido localizados no terreno. No entanto, Barba de Pele implantar-se-ia no vale da Ribeira do Verdígão, junto a este curso de água, e Monte Branco do Mato implantar-se-ia num esporão sobranceiro à Ribeira do Carvalho.

Porto de Melões é um monumento para o qual apenas se dispõe de informação oral, não estando ainda identificada. Localizar-se-ia algures entre a Ribeira Grande e a Ribeira do Bringello.

3. A evidência dos espaços de vida: que povoados para as «necrópoles megalíticas» de Fronteira?

As evidências de espaços habitacionais das antigas comunidades camponesas do concelho de Fronteira, directa ou indirectamente relacionados com as «necrópoles megalíticas» reconhecidas, são difíceis de considerar mesmo de um ponto de vista meramente teórico. No entanto, uma relação espacial pode ser evidenciada, encontrando-se pelo menos aqui uma base de trabalho. Fortemente especulativa, é certo, mas a única disponível no estado actual dos conhecimentos – revela-se um exercício extremamente complicado relacionar certos povoados com certas necrópoles ou certas necrópoles com certos povoados, quando não se têm escavados quer uns quer outros.

Assim, uma das partes mais complexas da análise das «necrópoles megalíticas» de Fronteira é precisamente a definição/localização dos povoados dos seus construtores e utilizadores. Com efeito, os vestígios de habitat até hoje registados (sem contar com os múltiplos achados isolados) são escassos e inconclusivos, parecendo revelar um modelo específico de ocupação do espaço,

pouco visível na paisagem e artefactualmente pobre, que não parece concordar com a existência dos grandes monumentos megalíticos que se registam na sua envolvente imediata.

Com efeito, as comunidades megalíticas de Fronteira parecem revelar, à luz da informação disponível, um modelo de povoamento disseminado, disperso pelo território, sem a concentração em torno a um ou mais grandes povoados. Curiosamente (ou não), a maior incidência destes sítios reconhece-se nas áreas próximas às «necrópoles megalíticas», surgindo preferencialmente na área oriental do concelho. E mesmo aqueles que podem parecer distantes de agrupamentos megalíticos ou monumentos isolados poderão não o ser. Assim, Monte do Outeiro surge próximo ao local onde se encontraria a anta de Monte Branco do Mato e Porto de Melões 2 e 3 surgem próximos (pensa-se) da anta de Porto de Melões. Monte das Pedras (junto à Ribeira de Ana Loura) e Herdade do Braga (em pequena elevação sobranceira à mesma Ribeira) surgem a meio caminho entre as «necrópoles megalíticas» da Herdade Grande e Vale de Maceiras, podendo ser relacionados com qualquer uma destas necrópoles. Vale da Charca surge também relativamente próximo da anta dos Aroeirais e Reboredo de Baixo próximo das antas da Ladeira. Casos interessantes, de um ponto de vista analítico, representam os sítios identificados em torno às «necrópoles megalíticas» da Herdade Grande, Pessilgais/Arneiros e Vale de Maceiras, que permitem já outro tipo de observações que serão à frente apresentadas.

Os casos de Picanços 1, Picanços e, Picanços 5, Cavaleiros 3, Cavaleiros, 7 Cavaleiros 9 e Penedo Gordo correspondem a um conjunto de pequenos sítios dispersos por toda a área a Norte da «necrópole megalítica» da Herdade Grande, entre esta e a Ribeira Grande, ocupando uma área levemente ondulada, registando modelos diversos de implantação. O espólio recuperado é, com efeito, parco – impossibilitando qualquer tentativa de definição crono-cultural precisa. Assim, a designação *sítios neo-calcolíticos* parece a mais indicada para caracterizar estas evidências de povoamento nas envolventes da «necrópole megalítica» da Herdade Grande.

Assim, Penedo Gordo encontra-se instalado em pequena elevação com domínio relativo sobre a paisagem, Picanços 1 em plataforma sobranceira à Ribeira de S. Saturnino, Cavaleiros 3 em outeiro sobranceiro à Ribeira Grande e Cavaleiros 7 instalado em área aberta. Os espólios são escassos e inconclusivos, ainda que, principalmente em relação a Penedo Gordo, as pastas e o tratamento de superfícies dos fragmentos de recipientes cerâmicos parecem indicar já uma ocupação calcolítica – hipótese que está, de todo, longe de comprovar.

Encontram-se, também, alguns possíveis sítios de habitat na área a Sul daquela necrópole, como os já referidos sítios de Monte das Pedras e Herdade do Braga. Neste último sítio, as recolhidas de superfície contam com alguma indústria de pedra lascada, fragmento de gume de machado de secção rectangular e fragmentos de recipientes cerâmicos que parecem já calcolíticos.

Registe-se também a curiosa ocorrência, na área envolvente da «necrópole megalítica» da Herdade Grande, de afloramentos graníticos apresentando «covinhas», como Pedra do Fradinho 2, Picanços 5 e Herdade Grande 16.

Os sítios de Arneiros 4 e 6, dispostos por uma pequena plataforma na confluência da Ribeira dos Arneiros e Ribeira do Pau, encontram-se a escassas dezenas de metros da Anta 1 dos Arneiros. Estes dois sítios poderiam fazer parte de uma única realidade, dispersa por uma área mais vasta, tendo sido, por via das dúvidas, individualizados. Mais uma vez, o espólio recuperado, composto por alguma indústria lítica e alguns fragmentos de recipiente cerâmicos, não permite traçar grandes considerações a respeito da sua cronologia precisa. A relação com os monumentos de Arneiros também não é explícita. Para além da evidente relação espacial, nada mais permite ligar estes monumentos e sítios a um mesmo momento crono-cultural.

O sítio de Domingos Pires 1 surge relativamente próximo dos monumentos de Pessilgais (principalmente dos monumentos 2 e 3). Situa-se a meia encosta no vale da Ribeira do Juncal e o seu espólio resume-se a alguns fragmentos de recipientes cerâmicos e a uma espantosa enxó de matéria-prima xistosa, apresentando o gume intacto.

O sítio de Monte das Oliveiras 2 localiza-se a poucos metros da Anta 1 de Vale de Maceiras, no topo da pequena elevação em cuja encosta se ergue o monumento. O espólio recolhido é inconclusivo para uma atribuição cronológica precisa, e a sua excessiva proximidade ao monumento levanta várias questões que de momento não são possíveis de responder com certezas.

O sítio de Tapada do Vaz encontra-se no outeiro a Este daquele em que se localiza a Anta da Tapada Alta, com uma incrível relação de visibilidade com este monumento. Daqui se domina a área dos quadrantes Noroeste a Sudeste (toda a área do vale da Ribeira Grande). O espólio recolhido é escasso, resumindo-se a alguns fragmentos de recipientes cerâmicos. Um deles, incluindo porção do bordo apresenta alguns problemas de orientação, podendo pertencer a um globular ou, em alternativa, a uma taça de bordo exvertido. Seja como for, são formas que, morfologicamente, podem ser já incluídas nos «catálogos» calcolíticos. A área de ocupação que o topo do outeiro permite é reduzida, registando-se alterações micro-topográficas no terreno, que parecem indicar a existência de estruturas defensivas ou de contenção de morfologia desconhecida.

4. Concluindo: as comunidades megalíticas de Fronteira e o fenómeno de «megalitização» da paisagem na área autral do Norte Alentejano.

Quando analisamos o megalitismo alto-alentejano, ou, numa visão puramente administrativa, do distrito de Portalegre, não é de todo possível contornar os trabalhos desenvolvidos por J. Oliveira (1998). As conclusões retiradas do estudo das manifestações megalíticas da área da bacia do Sever tornam-se indispensáveis para a compreensão da evolução do megalitismo nesta área peninsular, sendo fácil alargar um pouco o espectro para as áreas circundantes, e ter um ponto de comparação disponível para outro tipo de análises. Estes trabalhos fornecem, no entanto, uma visão geral para o enquadramento regional do megalitismo fronteirense. Cada área é uma área, e os casos têm de ser vistos individualmente (mas sem perder de vista, é certo, os contextos mais abrangentes).

Assim, o fenómeno de «megalitização» da paisagem na área do concelho de Fronteira pode ser analisado tendo como ponto de comparação directa as áreas mais a Norte e os trabalhos aí realizados, não descurando, contudo, as evidências dos núcleos centro-alentejanos da linha Montemor-Évora-Reguengos. Com efeito, aqui dá-se a passagem entre os monumentos megalíticos do grupo Crato/Nisa e os importantes núcleos megalíticos da linha acima referida. Parece pois, ainda que a análise mereça e deva ser mais aprofundada, que estamos perante uma verdadeira área de fronteira. Lembremos que a alguns quilómetros para Sul da nossa área de estudo se encontra a Serra d'Ossa, verdadeiro marco na paisagem e represa «cultural». Com efeito, as manifestações megalíticas são esparsas desde aqui até ao sopé da Serra, onde se encontram já os núcleos megalíticos da área sul de Estremoz (veja-se Leisner e Leisner, 1955; para uma leitura de espaço e distribuição de povoamento, veja-se Calado, 2001).

Realce-se que, por ora, aqui se trata apenas de uma abordagem linear, a única possível de realizar no estado actual dos conhecimentos. Não se trata de reconhecer em Fronteira a existência de um único grupo cronológica ou culturalmente coerente, mas antes de fazer uma leitura global dos dados disponíveis, esperando que, num futuro próximo, o geral se transforme em particular e as observações se transformem em conclusões. Seja como for, o que importa ressaltar é que o megalitismo fronteirense tem que ser visto como parte de um conjunto mais amplo, não podendo ser lido numa perspectiva puramente administrativa, mas englobado num contexto mais vasto que abarca áreas dos actuais concelhos de Avis, Alter do Chão, Monforte e Sousel, para não falar já, em termos genéricos, do Crato, Elvas, Estremoz, Mora e Ponte de Sor. Assim, o núcleo megalítico de Fronteira há-de ser visto, micro-regionalmente, em conjunto com os núcleos de Ervedal, Figueira e Barros, Alter Pedroso e área de Vaiamonte.

No entanto, ao analisarmos a cartografia megalítica do distrito de Portalegre a uma escala elevada (cf. Oliveira e Oliveira, 2000, p. 468, Est. I), nota-se a curiosa concentração de monumentos ao longo do curso da Ribeira da Seda, registando-se uma multiplicidade de manifestações megalíticas ao longo desta linha de água (alternando espaços vazios com áreas de grande densidade megalítica) que seria interessante analisar, de um ponto de vista puramente teórico, a respeito de agrupamentos megalíticos específicos e sua relação com espaços de habitat. Reconhece-se, igualmente, uma grande variedade em termos morfológicos, desde os pequenos monumentos «proto-megalíticos» de Avis e Alter do Chão até aos grandes monumentos de corredor longo como Penedos de S. Miguel ou Tapadão (Crato).

4.1. As «necrópoles megalíticas» da área do Concelho de Fronteira: implantações, matérias-primas, arquitecturas.

A definição das «necrópoles megalíticas» da Concelho de Fronteira é uma tarefa relativamente complicada, principalmente quando não se contam com elementos de datação segura. Com efeito, a aplicação de modelos teóricos a casos práticos é sempre complexa, dependente de factores de ordem vária que condicionam as próprias considerações subsequentes. Trata-se, com efeito, de uma solução que deve ser empreendida criticamente, com a consciência da sua falibilidade. Assim, uma abordagem linear e simplista deve ser cautelosa, tendo sempre em conta as diversas circunstâncias que a regulam. Assim, o modelo teórico de «necrópole megalítica» e a própria ideia de «megalitização» da paisagem há-de ser usado com prudência, para que não se caia no tentador equívoco da generalização arbitrária – sem, no entanto, condicionar ou limitar o valor do conhecimento ao campo da investigação experimental ou ao resultado da acção nele estruturada.

Como ponto de partida, poderíamos definir o conceito de «necrópole megalítica» em quatro pontos básicos: (1) grupo de monumentos megalíticos concentrados num espaço geograficamente bem definido, tendo em conta fronteiras naturais como o relevo e/ou cursos de água, ou implantados em locais específicos; (2) grupo de monumentos megalíticos com proximidade relativa, existindo um alto coeficiente de visibilidade entre os monumentos; (3) grupo de monumentos megalíticos sincronicamente construídos e utilizados, resultando a homogeneidade do mobiliário votivo e contemporaneidade das manifestações rituais como factor de atribuição cronológica síncrona; (4) grupo de monumentos megalíticos construídos e utilizados por uma mesma comunidade ou por comunidades «congénitas», definindo-se relações povoado/necrópole ou sincronia entre espaço dos mortos e espaço dos vivos.

Define-se aqui, igualmente, o conceito de «monumentos-satélite» de «necrópoles megalíticas», referindo-se a monumentos que mantêm pelo menos uma relação espaço-visual com alguma «necrópole megalítica». Tem, pois, um sentido diverso daquele usado por V. S. Gonçalves (1992; 1999), a respeito dos *tholoi* anexos a antas de Reguengos de Monsaraz.

Em particular, os monumentos megalíticos do Concelho de Fronteira primam pela sua heterogeneidade, caracterizada pela implantação específica dos monumentos, pela paisagem que os envolve e pela sua própria morfologia – pelo que a caracterização das «necrópoles megalíticas» evidencia-se, efectivamente, pela relação espacial existente entres os monumentos, tendo sido aqui analisados do ponto de vista da sua vinculação a pontos específicos da paisagem ou a possíveis vias naturais de trânsito.

Um certo número de factores concorre para a coincidência de concentrações megalíticas em dada área no Concelho de Fronteira. Desde já, a curiosa a disposição nos limites da mancha granítica, deixando o espaço central, por onde corre a Ribeira Grande, desocupado em termos megalíticos. E, por coincidência (ou não, já que aqui se encontram as melhores condições de assentamento) é nesta área que se concentram os indícios de povoamento – podendo ser encarada como a área central de um território de exploração de recursos, ficando as necrópoles votadas às áreas periféricas.

No que respeita à implantação dos monumentos megalíticos da área de Fronteira, esta obedece a certos padrões reconhecíveis, não tão coetâneos como o desejado para uma análise básica, mas identificáveis e facilmente grupáveis. Desde logo, temos monumentos instalados no topo de outeiros elevados (Tapada Alta, Caldeira, Coutada, Serra das Penas), no topo de pequenas elevações (Herdade Grande 2, 4, 5 e 10, Arneiros 1), em vertentes suaves (Vale de Maçeras 1, Herdade Grande 1 e 3, Arneiros 2), em esporão (Aroeirais), em vale (Pessilgais 1, Mortágua) e em áreas levemente aplanadas (Pessilgais 2, Cavaleiros 1, Ladeira 1 e 2). Identifica-se, assim, uma grande variabilidade na vinculação dos monumentos à paisagem, e da relação destes com o meio envolvente.

No entanto, quando analisados a uma escala mais pormenorizada, estes padrões de implantação podem sugerir considerações interessantes, nomeadamente quando postos em relação com pontos específicos da paisagem. Com efeito, temos no concelho de Fronteira monumentos *visíveis* e monumentos *invisíveis* – estes últimos por se encontrarem ou em áreas muito elevadas

(como Tapada Alta e os monumentos da «necrópole megalítica» da Serra das Penas) ou em áreas muito baixas (como Mortágua). Existem, portanto, monumentos que parecem não obedecer a uma *lógica de visibilidade*. Contudo, se associarmos estes monumentos a pontos específicos na paisagem, a sua posição aparentemente absurda ganha algum sentido.

No entanto, e de passagem, diga-se apenas que: «*Vistível é aquilo que é reconhecível*, e essa dimensão não é exclusivamente física, decorrendo de uma multiplicidade de critérios que orientam a observação» (Gonçalves e Sousa, 2000, p. 26)...

Assim, Mortágua, situada junto à Ribeira de Sousel, em pleno leito de cheia, há que ser pensada em relação com um vau deste curso de água, localizado próximo do monumento. Os monumentos da «necrópole megalítica» da Serra das Penas, implantados sobre uma crista rochosa, dominam toda a área baixa dos vales das Ribeiras de Pascoais e Chaminé. Noutro sentido, a Serra das Penas, não se tratando de um conjunto de elevações excessivamente imponentes, assume-se como marco na paisagem, principalmente para quem, de Norte, se dirige às terras baixas do vale da Ribeira Grande (ou vice-versa), registando-se um importante «ponto de passagem» na Portela das Penas – não será por acaso que dois fortins romanos republicanos foram aqui instalados, um de cada lado de esta portela (Carneiro, 2004).

Vale de Maceiras 1 implanta-se numa vertente sobranceira à Ribeira de Ana Loura, em posição frontal a um «porto» deste curso de água, causando grande impacto visual para quem o atravessa vindo do lado oposto.

As restantes «necrópoles megalíticas» poderão formar ou indicar áreas de ocupação de territórios preferenciais e de marcação de estes, servindo como pontos de referência dos mesmos. O conjunto da Ladeira, já apelidado noutro sítio de «micro-complexo» megalítico (Carneiro, 2005), implantado numa plataforma entre relevos acentuados, próximo de uma dobra da Ribeira de Sarrazola, poderá corresponder a algo semelhante ao que foi avançado para o caso dos monumentos do Poço da Gateira, Reguengos de Monsaraz, fazendo-o corresponder à área de necrópole de uma pequena quinta neolítica (Gonçalves, 1992; 1999). No entanto, a única evidência de povoamento nas imediações desta «necrópole megalítica», o sítio do Reboredo de Baixo, não permite traçar qualquer tipo de considerações a este respeito.

A «necrópole megalítica» de Pessilgais/Arneiros, disposta linearmente dominando a área baixa dos vales das Ribeiras do Juncal, Arneiros, Pau e Matança, aliada aos sítios de habitat Arneiros 4, Arneiros 6 e Domingos Pires 1, poderá fazer supor a marcação de uma área de exploração de recursos, nomeadamente os vales dos cursos de água acima referidos.

O exemplo mais evidente de este tipo de vinculação à paisagem parece ser o da «necrópole megalítica» da Herdade Grande, parecendo marcar o seu núcleo uma extensa área territorial disposta entre si e o curso da Ribeira Grande, área esta pontuada pelos diversos vestígios de habitat identificados. Os monumentos desta necrópole desfrutam de uma excelente condição de intervisibilidade, estando assim – e pelo menos do ponto de vista visual – relacionados entre si e com o território que marcam. Ainda que, para este caso, se possa referir a curiosa coincidência do traçado de um caminho antigo, possivelmente já com utilização em época romana, com a situação desta necrópole (cf. Carneiro, 2004, p. 159). Não quero com isto dizer que se trata de um caminho usado já desde o Neolítico, o que, num esquema puramente teórico, seria razoavelmente aceitável – no entanto, não é o Homem que faz os caminhos, e este com certeza sempre lá esteve. E, com efeito, este género de caminhos, os chamados caminhos de «pé-posto», estão ligados a antigas vias de transumância, que aproveitam vias naturais de fácil trânsito, pelo que a sua origem pode remontar a tempos mais distantes.

Notam-se, no entanto, algumas «soluções» curiosas do ponto de vista da suposta *visibilidade* dos espaços funerários: em primeiro lugar, o aproveitamento de pequenas elevações, no topo das quais se erguem os monumentos, de modo a conferir maior imponentia à estrutura tumular e deste modo uma maior visibilidade (de que são exemplos Herdade Grande 2 e 4); em segundo, a utilização de blocos de quartzo na estrutura tumular de pequenos monumentos de xisto, beneficiando assim do choque cromático proporcionado por aquele mineral (como nos casos das antas da Ladeira). De qualquer modo, quando cobertos de terra e na primavera seguinte à sua construção, com o inevitável verdejar dos campos, os monumentos diluir-se-iam na paisagem. Assim, a própria *visibilidade* dos monumentos não assentará precisamente na sua *invisibi-*

lidade, tendo em conta que, dentro de um universo específico, são espaços facilmente reconhecidos e reconhecíveis?

Temos, pois, diversos tipos de vinculação à paisagem. Desde já, a relação específica de certos monumentos com pontos particulares da paisagem, normalmente relacionados com vias de trânsito e pontos de passagem. Noutra sentida, quando a necrópole não parece estar relacionada com nenhum ponto específico da paisagem, poderá levantar-se a hipótese de marcar um dado território de ocupação preferencial. Neste ponto, o agrupamento em torno a um grande monumento que ocuparia uma posição de destaque dentro do conjunto da necrópole (sendo os restantes monumentos de menor tamanho e de visibilidade mais restrita), como parece acontecer para a área da bacia do Sever (Oliveira, 1998) ou para a área galega (Criado Boado e Vaquero Lastres, 1993, p. 237), não parece registar-se na área do concelho de Fronteira. Onde tal facto poderia ser reconhecido, na «necrópole megalítica» da Herdade Grande, não parece que tal aconteça. Com efeito, o maior monumento registado nesta «necrópole» (Herdade Grande 6) ocupa um lugar periférico dentro do conjunto – a não ser que o agrupamento fosse sectorial, ocupando um dado quadrante. Neste sentido, a definição cronológica das antas da Herdade Grande revelar-se-ia extremamente importante para a compreensão da construção desta área enquanto «necrópole megalítica» e da própria estruturação da paisagem enquanto espaço «megalitizado». As escavações empreendidas por J. Leite de Vasconcelos revelaram-se, contudo, infrutíferas, não permitindo o raríssimo e inconclusivo espólio recuperado uma definição concreta dos parâmetros cronológicos em que esta necrópole se inseriria.

As restantes «necrópoles megalíticas» mantêm-se, igualmente, com uma atribuição cronológica dúbia. No entanto, a placa de xisto gravada recolhida na Câmara de Pessilgais 2 permite já colocar pelo menos um episódio de utilização deste monumento na primeira metade do terceiro milénio a.n.e. Trata-se, como já dito, de uma placa oculada, inserindo-se assim num vasto universo mágico-religioso que cobre todo o Sul peninsular durante o terceiro milénio a.n.e., podendo, numa leitura mais estrita, recolher-se outro tipo de considerações. Com efeito, a concepção dos Olhos de Sol gravados nesta placa é, de todo, rara, recolhendo espantosos paralelos em duas placas provenientes de dois monumentos de Montemor-o-Novo e Évora (conjuntos em estudo no âmbito do projecto «PLACA NOSTRA», sob a direcção científica de Victor S. Gonçalves).

Mas, para o efeito, nenhum dos monumentos é seguramente datável. Como dito, a ausência de escavações arqueológicas cientificamente aceitáveis nos monumentos megalíticos de Fronteira dificulta qualquer tentativa de atribuição cronológica, e a morfologia da matéria-prima usada e a própria capacidade das comunidades megalíticas influem deveras na configuração dos monumentos, pelo que as características arquitectónicas não podem, por si só e a meu ver, ser usadas como indicador cronológico seguro. F. Criado Boado, R. Fábregas Valcarce e J. Vaquero Lastres (1990-91, p. 28) referem, neste sentido, que a variabilidade arquitectónica é, não apenas dependente de fenómenos diacrónicos, mas também de factores de ordem económica e cultural actuando de maneira diferencial em certas áreas.

E assim, em relação às arquitecturas, a variabilidade é o ponto comum. Registam-se grandes monumentos (Herdade Grande 6), alguns com Corredor muito longo (como Caldeira) a par de pequenos monumentos de Corredor incipiente (como os registados na área dos xistos). A morfologia da Câmara (e em especial o número de esteios) também parece ser variável. Existem monumentos com sete esteios organizados a partir do grande esteio de Cabeceira, monumentos com oito esteios e monumentos com nove esteios com aparência de Câmara fechada – surgindo, neste contexto, Câmaras poligonais, Câmaras sub-circulares e Câmaras rectangulares. Refira-se também a arquitectura de Horta das Antas, apresentando no Corredor o possível encaixe de uma estrutura de fecho, tendo este descentrado em relação ao eixo da Câmara, conferindo ao monumento um aspecto geral de 9 quando visto em planta, paralelizável com alguns monumentos centro-alentejanos – nomeadamente Vidigueiras 1 e 2, Reguengos de Monsaraz (Leisner e Leisner, 1951; Gonçalves, 1992).

Se o contexto geológico não é condicionante, é, neste sentido e pelo menos, factor de estruturação do monumento. Reconhecem-se, pois, monumentos megalíticos edificados em variados contextos geológicos. As antas da Herdade Grande, Pessilgais e Arneiros encontram-se

em áreas graníticas, as antas de Vale de Maceiras em áreas de basitos, a anta dos Aroeirais sobre depósitos detríticos mas próximo da mancha dos granitos, as antas da Serra das Penas em conglomerados rochosos entre xistos câmbrios, as antas da Ladeira e a anta Mortágua em xistos silúricos, e anta da Tapada Alta em contextos de calcários e dolomitos cristalinos sobre xistos câmbrios. E neste conjunto, as variâncias dos monumentos em termos dimensionais ou morfológicos parecem prender-se somente com a matéria-prima utilizada. A própria dimensão dos monumentos não pode, nestas áreas de contextos geológicos variados, ser tomada como indicador cronológico preciso. A morfologia do xisto permite raramente a construção de grandes monumentos como os registados na área granítica – sendo, pois, uma condicionante da matéria-prima a maior ou menor dimensão dos ortóstatos utilizados na sua construção, e consequentemente o seu número. A dimensão dos monumentos pode, assim, reflectir apenas as condicionantes das matérias-primas ou de capacidade sócio-económica das comunidades que os constroem e utilizam.

Citando mais uma vez os estudos realizados na área galega, aqui se concluiu que o contexto geológico pouca importância representa para a implantação dos monumentos megalíticos, já que estes se encontravam edificadas em substratos geológicos diversos, sendo local a matéria-prima utilizada na sua construção. No caso de Fronteira, e em especial as antas da Serra das Penas (exemplo mais claro e empiricamente observável), a matéria-prima usada na sua construção é, indubitavelmente, local – percebendo-se áreas de corte nas fragas que poderão reflectir o trabalho de extracção de lajes utilizadas como esteios. No entanto, para um conjunto megalítico relativamente próximo (as antas da Rabuje, Monforte), registou-se a presença de matérias-primas exógenas – obviamente, numa escala local (Boaventura, 2000). Contudo, não se pode excluir aqui a provável utilização de blocos erráticos, que podem estar, por vezes, afastados do seu local de origem (cf. a este respeito Scarre, 2004). Nas antas de Fronteira, alguns monumentos apresentam blocos brutos que parecem não ter recebido trabalho, o que pode comprovar a efectiva utilização/aproveitamento de blocos erráticos.

Para o concelho de Fronteira, regista-se, como já referido, a edificação de monumentos megalíticos em todos os contextos geológicos existente na área. No entanto, a maior densidade encontra-se na mancha de granitos ou nos seus limites, encontrando-se, nos restantes contextos geológicos, monumentos isolados (excepção seja feita às «necrópoles megalíticas» da Serra das Penas e Ladeira). Assim, as evidências sugerem que, apesar de o granito ser o elemento preferencial, o substrato geológico não parece ter funcionado exclusivamente como factor condicionante da construção de monumentos megalíticos e assentamento das comunidades. Não parece, pois, existir um claro investimento na obtenção de matéria-prima, sendo utilizado o suporte disponível localmente (utilizando-se até, ao que parece, blocos erráticos).

4.2. Povoamento megalítico no Concelho de Fronteira: que evidências dos espaços da vida?

Em relação ao povoamento megalítico, parece registar-se em Fronteira uma ocupação modelar do espaço caracterizada por pequenos sítios com escassa representatividade arqueológica, condicionada pelo geo-morfologia do mesmo e pelas diversas matizes geológicas. As situações mais recorrentes encontram-se, precisamente, na zona oriental (em especial, dentro da mancha de granitos), onde as evidências megalíticas são mais abundantes. A zona ocidental, com superfícies mais dissecadas, não regista tantas evidências, quer megalíticas, quer de povoamento. Assim, à aparente concentração de monumentos megalíticos, que se parecem agrupar formando pequenos núcleos bem localizados na paisagem, definindo áreas de necrópole, parece que condiz uma ocupação modelar do espaço reflectida em padrões variados, com um povoamento disseminado e com fraca representatividade arqueológica – característico de comunidades com uma super-estrutura económica baseada na pastorícia transumante e agricultura de pequena escala (cf. Joyce e Johannssen, 1993; Kent, 1993; Tomka, 1993). Poderemos, pois, estar perante um cenário em que as comunidades privilegiam a mobilidade, com sistemas de assentamento de curto espectro e onde não se regista um claro investimento em estruturas habitacionais duráveis, o que não impediu, contudo, que se construíssem monumentos de grandes dimensões.

Esta relação entre espaços da vida e espaços da morte deve, no entanto, ser estabelecida com prudência e de forma não precipitada. É posta em evidência, principalmente baseada na proximidade entre ambos, embora este tipo de abordagem deva ser cauteloso. No entanto, alguns factos curiosos parecem registar-se, permitindo algumas informações talvez pertinentes.

A Nordeste da «necrópole megalítica» da Herdade Grande encontram-se variadas evidências de potenciais locais de habitat. Foram localizados diversos sítios (Penedo Gordo, Picanços 1, Cavaleiros 3 e 7...), relativamente próximos uns dos outros. Esta proximidade entre eles e a sua escassa representatividade em termos artefactuais, poderá indicar uma ocupação sazonal no espaço, na mesma área mas não necessariamente no mesmo sítio – podendo configurar algo semelhante, mas na sua respectiva escala, ao registado para o Neolítico antigo da área de Reguengos de Monsaraz, onde foram identificados diversos pequenos núcleos de povoamento relativamente próximos entre si, dispersos por uma área bem delimitada junto ao Guadiana (Gonçalves, 2002). Tanto uns como os outros poderão ser interpretados como acampamentos sazonais de pastores semi-nómadas, com padrões de assentamento variados e instalados no mesmo lugar mas não necessariamente no mesmo sítio, junto a fontes de recursos naturais garantidas, embora os tempos sejam, obviamente, distintos.

Regista-se, pois, um povoamento difuso, diluído no espaço mas concentrado numa área estratégica entre a «necrópole megalítica» da Herdade Grande e a importante fonte de recursos que constitui a Ribeira Grande. No entanto, a identificação de elementos de mó dormentes, embora isolados e dispersos pela área, parecem indicar a existência de comunidades mais estáveis – o que, segundo os dados de que se dispõe, não se reconhece incontestavelmente no concelho de Fronteira.

Tomemos um exemplo concreto, que servirá de termo comparativo para a análise das relações povoado/necrópole no Concelho de Fronteira: nas proximidades da «necrópole megalítica» do Lucas, Alandroal, «os vestígios de habitat pré-histórico [...] parecem corresponder a um modelo disperso, em áreas abertas, com ténue expressão arqueológica» (Calado, 1993, p. 155). Diga-se igualmente que a escavação da Anta 1 do Lucas revelou espólio que sugere «uma datação antiga dentro do megalitismo regional» (nomeadamente machados de secção circular). Reconhecer-se-à aqui algo semelhante ao registado para a área de Fronteira ou diferenças cronológicas poderão separar ambos conjuntos? No estado actual dos conhecimentos não podemos responder com certezas.

O que falta, com efeito, nas «necrópoles megalíticas» de Fronteira é a existência de um grande povoado que congregasse os esforços necessários à construção dos grandes monumentos que se encontram. Não se pode deixar de referir, pela sua proximidade, o povoado de Pombal, Monforte, que levanta algumas questões pertinentes ao estudo das antigas comunidades camponesas no interior alentejano – no entanto, não é este o tempo ou o local para discutir tais questões. No entanto, este povoado parece-me já afastado demais deste universo, tanto a nível geográfico como a nível crono-cultural – aparentando um momento muito tardio para os parâmetros cronológicos do apogeu do megalitismo alentejano. Assim, para o que nos interessa, o povoamento reconhecido em torno ao povoado do Pombal, aparentemente anterior a este, parece corresponder, igualmente, a um povoamento disperso, sem uma importante expressão arqueológica e sem uma atribuição crono-cultural precisa – destacando-se, no entanto, sítios como Vale de Romeiras 2 ou Santo António 3 (Boaventura, 2002).

Em relação à proximidade excessiva entre alguns espaços de habitat e monumentos megalíticos (como Monte das Oliveiras 2 em relação a de Vale de Maceiras 1 ou Arneiros 4 e 6 em relação a Arneiros 1), esta evidência pode ser encarada em três hipóteses explicativas: (1) trata-se de um local de habitat anterior à construção do monumento; (2) trata-se de um pequeno acampamento de pastores instalado, durante o tempo de estacionamento, junto do monumento, usando-o como ponto de referência; (3) trata-se do acampamento dos construtores do monumento, aqui instalados temporariamente durante o tempo da sua construção. No estado actual dos conhecimentos, qualquer uma das premissas é válida – não sendo possível, à partida, refutar ou defender qualquer uma de elas.

4.3. A modo de resumo: megalitismo e comunidades megalíticas do concelho de Fronteira.

Resumindo, o fenómeno de «megalitização» da paisagem no concelho de Fronteira (desde a própria implantação específica dos monumentos à relação crono-espacial entre eles) está fortemente relacionado com diversos factores, nomeadamente na morfologia do relevo (com a vinculação a pontos específicos da paisagem), nos recursos hídricos disponíveis (nos quais o curso da Ribeira Grande desempenha importante papel), na capacidade de uso dos solos e no contexto geológico. Nota-se, assim, uma interessante heterogeneidade que se reflecte nos padrões de implantação dos monumentos (desde a implantação no topo de elevações até à implantação no fundo de vales), na integração dos monumentos na paisagem (em termos de *visibilidade* ou *invisibilidade*) e na própria morfologia dos monumentos (desde os pequenos monumentos da área dos xistos até aos grandes monumentos das áreas graníticas). Regista-se, com efeito, grande diversidade, manifestando cada pólo com sua expressividade própria, desde Mortágua à «necrópole megalítica» da Herdade Grande (e seus «monumentos-satélite»), passando pelos monumentos das «necrópoles megalíticas» da Serra das Penas e da Ladeira – sendo evidente a curiosa concentração na área oriental do Concelho, que pode aqui ser explicada em quatro pontos-base:

- 1 – a geologia, com a existência de rochas granitoides preferíveis para este tipo de construções (embora se evidenciem também monumentos em áreas de xisto);
- 2 – a orografia, com paisagens levemente onduladas, com condições de assentamento razoáveis;
- 3 – a hidrografia, com áreas bastante irrigadas e com fácil acesso à importante fonte de recursos que constitui a Ribeira Grande;
- 4 – o tipo de solos, com solos leves, ideias para a pequena agricultura de enxada.

A questão dos locais de habitat dos construtores e utilizadores das «necrópoles megalíticas» de Fronteira é extremamente difícil de definir, quando apenas se dispõe dos dados recolhidos nas prospecções realizadas sobretudo no âmbito do projecto *Levantamento Arqueológico do Concelho de Fronteira*, dirigido por André Carneiro. Assim, à aparente concentração de monumentos megalíticos, que se parecem agrupar formando pequenos núcleos bem localizados na paisagem, definindo áreas de necrópole, parece que condiz uma ocupação modelar do espaço, com um povoamento disseminado e com fraca representatividade arqueológica – característico de comunidades com uma super-estrutura económica baseada na pastorícia transumante e agricultura de pequena escala. Assim, espera-se que se tenha contribuído, de certa maneira e por enquanto apenas com algumas considerações gerais, para uma melhor definição e compreensão das antigas sociedades camponesas dos quarto e terceiro milénios a.n.e. no Norte Alentejano.

Lisboa/Fronteira, Abril de 2005.

Revisto em Março de 2006.

Referências bibliográficas

- Boaventura, R. (2000) – A geologia das Antas de Rabuje (Monforte, Alentejo). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3: 2, pp. 15-23.
- Boaventura, R. (2002) – *O sítio calcolítico do Pombal (Monforte): uma recuperação possível de velhos e novos dados*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 20).
- Calado, M. (1993) – *Carta arqueológica do Alandroal*. Alandroal: Câmara Municipal.
- Calado, M. (2001) – *Da Serra d'Ossa ao Guadiana: um estudo de Pré-História regional*, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 19).
- Carneiro, A. (2004) – *Povoamento romano no actual concelho de Fronteira*. Lisboa: Edições Colibri/Câmara Municipal de Fronteira/Câmara Municipal de Cascais.
- Carneiro, A. (2005) – *Carta Arqueológica do Concelho de Fronteira*. Lisboa: Câmara Municipal de Fronteira/Edições Colibri.

- Criado Boado, F.; Fábregas Valcarce, R.; Vaquero Lastres, X. (1990-91) – Concentraciones de túmulos y vías naturales de acceso al interior de Galicia. *Portugália*. Porto. Nova série, 11-12, pp. 27-38.
- Criado Boado, F.; Vaquero Lastres, J. (1993) – Monumentos, nudos en el pañuelo. Megalítos, nudos en el espacio: análisis del emplazamiento de los monumentos tumulares gallegos. *Espacio, Tiempo y Forma*. Madrid. Série 2, 6 (*Prehistoria y Arqueología*), pp. 205-261.
- Feio, M.; Daveau, S. (2004) – *O relevo de Portugal. Grandes unidades regionais*. Coimbra: Associação Portuguesa de Geomorfólogos.
- Gonçalves, F.; Fernandes, A. P. (1973) – *Carta Geológica de Portugal, notícia explicativa da folha 32C (Portalegre)*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- Gonçalves, V. S. (1989) – Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental: uma aproximação integrada. Lisboa: Uniarq/ INIC.
- Gonçalves, V. S. (1992) – *Reverendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Uniarq/INIC (Cadernos da Uniarq, 2).
- Gonçalves, V. S. (1999) – *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*. Lisboa: Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz.
- Gonçalves, V. S. (2002) – Lugares de povoamento das antigas sociedades camponesas entre o Guadiana e a Ribeira do Álamo (Reguengos de Monsaraz): um ponto da situação em inícios de 2002. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5: 2, pp. 153-189.
- Gonçalves, V. S. (2004) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 5: o explícito e o implícito. Breve dissertação, invocando os limites fluidos do figurativo, a propósito do significado das placas de xisto gravadas do terceiro milénio a.n.e. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7: 1, pp. 165-183.
- Gonçalves, V. S.; Sousa, A. C. (2000) – O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e a evolução do megalitismo no Ocidente Peninsular (espaços da vida, espaços da morte: sobre as antigas sociedades camponesas de Reguengos de Monsaraz). In Gonçalves, Victor S., ed. – *Muitas antas, pouca gente?*, Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 16), pp. 11-104.
- Gonçalves, V. S.; Sousa, A. C. (2003) – Novos dados sobre o grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz: o limite oriental. In Gonçalves, V. S. (ed.) – *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo*, Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 25), pp. 199-226.
- Joyce, A. A.; Johannessen, S. (1993) – Abandonment and the production of archaeological variability at domestic sites. In Cameron, C. M.; Tomka, S. A., eds. – *Adandonment of settlements and regions. Ethnoarchaeological approaches*. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 138-153.
- Kent, S. (1993) – Models of abandonment and material culture frequencies. In Cameron, C. M.; Tomka, S. A., eds. – *Adandonment of settlements and regions. Ethnoarchaeological approaches*. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 54-73.
- Leisner, G.; Leisner, V. (1951) – *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura (reeditado por Uniarq/INIC, 1985).
- Leisner, G.; Leisner, V. (1955) – *Antas nas Herdades da Casa de Bragança no Concelho de Estremoz*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura.
- Leisner, G.; Leisner, V. (1956) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Western*. Berlin: Walther de Gruyter & Co. 1: 1.
- Leisner, G.; Leisner, V. (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Western*. Berlin: Walther de Gruyter & Co. 1: 2.
- Machado, J. L. S. (1964) – Subsídios para a história do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcellos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 2ª série, 5, pp. 51-448.
- Neto, M. C. S. (1976-77) – Notícias inéditas sobre dolmens em Portugal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2-3, pp. 99-107.
- Oliveira, C. D.; Oliveira, J. (2000) – Continuidade e rupturas do megalitismo no distrito de Portalegre. In Jorge, V. O. (coord.) – *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: ADECAP. 3 (Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica), pp. 459-471.
- Oliveira, J. (1998) – *Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do Rio Sever*. Lisboa: Edições Colibri.
- Scarre, Ch. (2004) – Monumentos de pedra «rude» e pedras troféu: a relação com os materiais nos megalitos da Europa ocidental. *Sinais de Pedras – Actas do 1º Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre na Europa Atlântica*. Évora: Fundação Eugénio de Almeida. CD-ROM.
- Tomka, S. A. (1993) – Site abandonment behavior among transhumant agro-pastoralists. In Cameron, C. M.; Tomka, S. A., eds. – *Adandonment of settlements and regions. Ethnoarchaeological approaches*. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 11-24.
- Vasconcellos, J. L. (1929) – Antiquidades do Alentejo. II – Antas da Herdade Grande. *O Archeólogo Português*. Lisboa. 28, pp. 160-169.

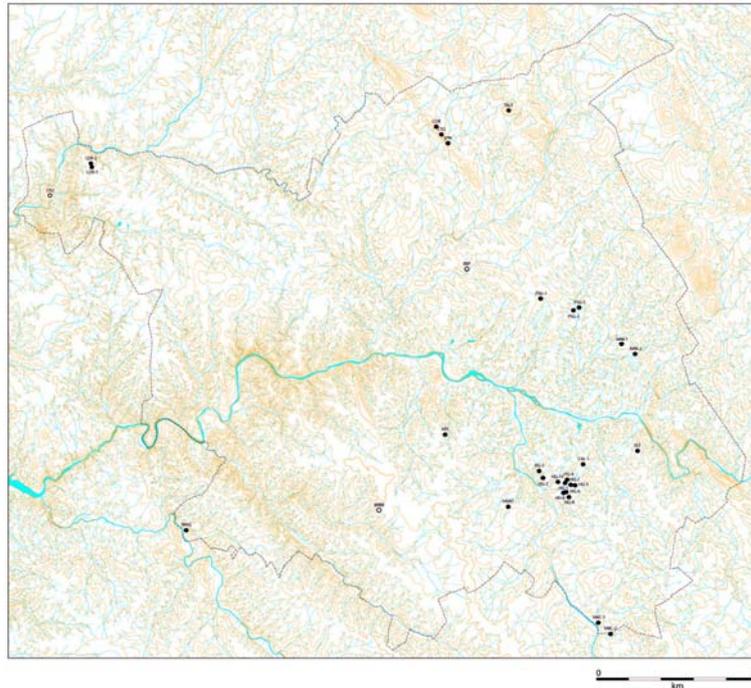


Fig. 1: Esboço oro-hidrográfico da área do concelho de Fronteira, com indicação dos monumentos megalíticos referenciados.

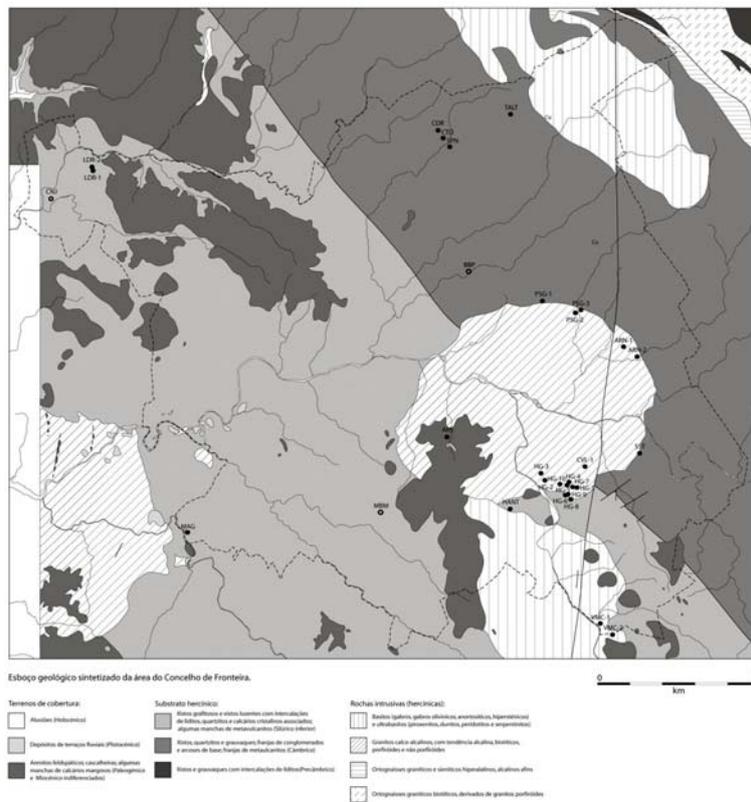


Fig. 2: Esboço geológico sintetizado da área do concelho de Fronteira, com indicação dos monumentos megalíticos referenciados.

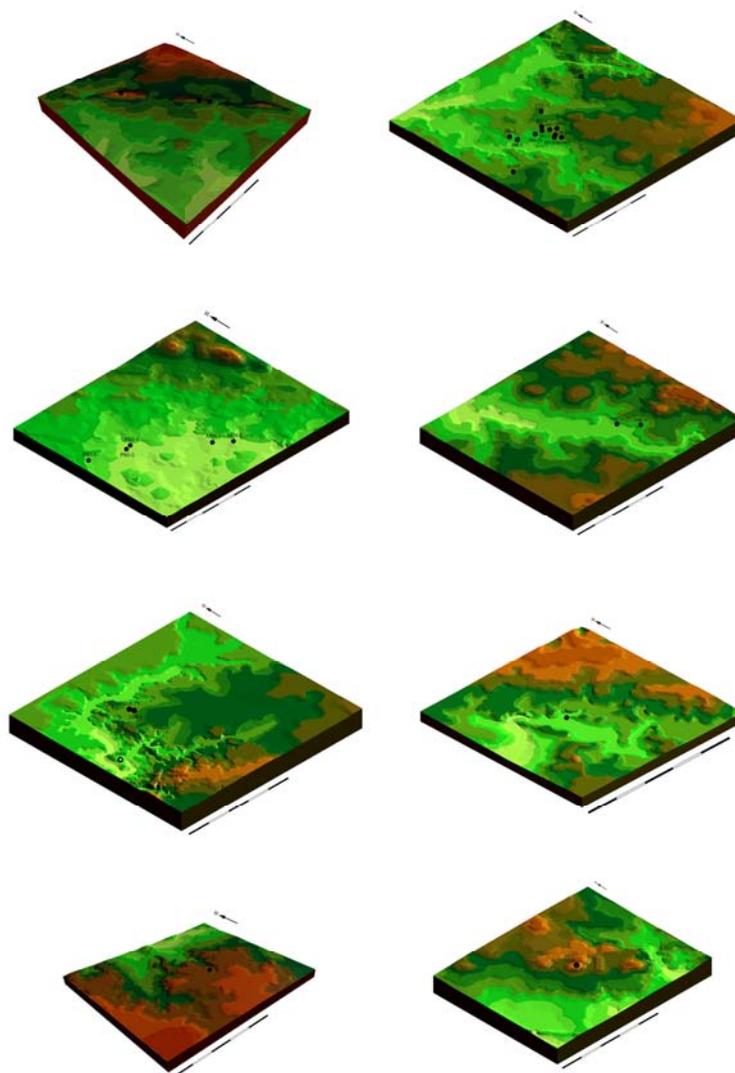


Fig. 3: Vistas isométricas das «necrópoles» megalíticas e monumentos isolados do concelho de Fronteira. 1: «necrópole» megalítica da Serra das Penas; 2: «necrópole» megalítica da Herdade Grande; 3: «necrópole» megalítica de Arneiros/Pessilgais; 4: «necrópole» megalítica de Vale de Maceiras; 5: «necrópole» megalítica da Ladeira e anta do Canejo; 6: anta de Mortágua; 7: anta de Aroeirais; 8: anta da Tapada Alta.



Fig. 4: Monumentos megalíticos do concelho de Fronteira. 1: anta do Caldeira; 2: anta 6 da Herdade Grande; 3: antas 1 e 2 da Ladeira; 4: anta de Mortágua.

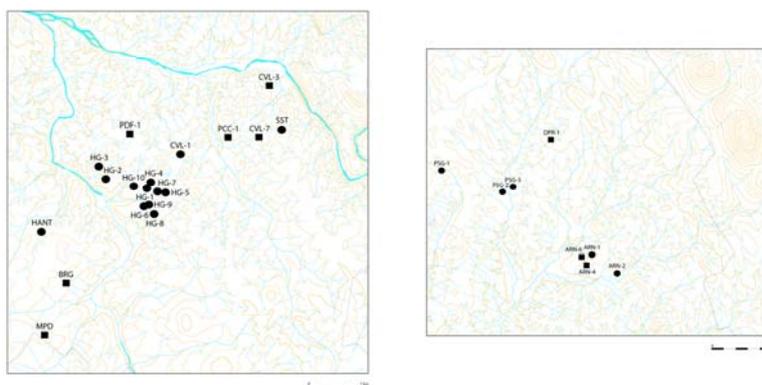
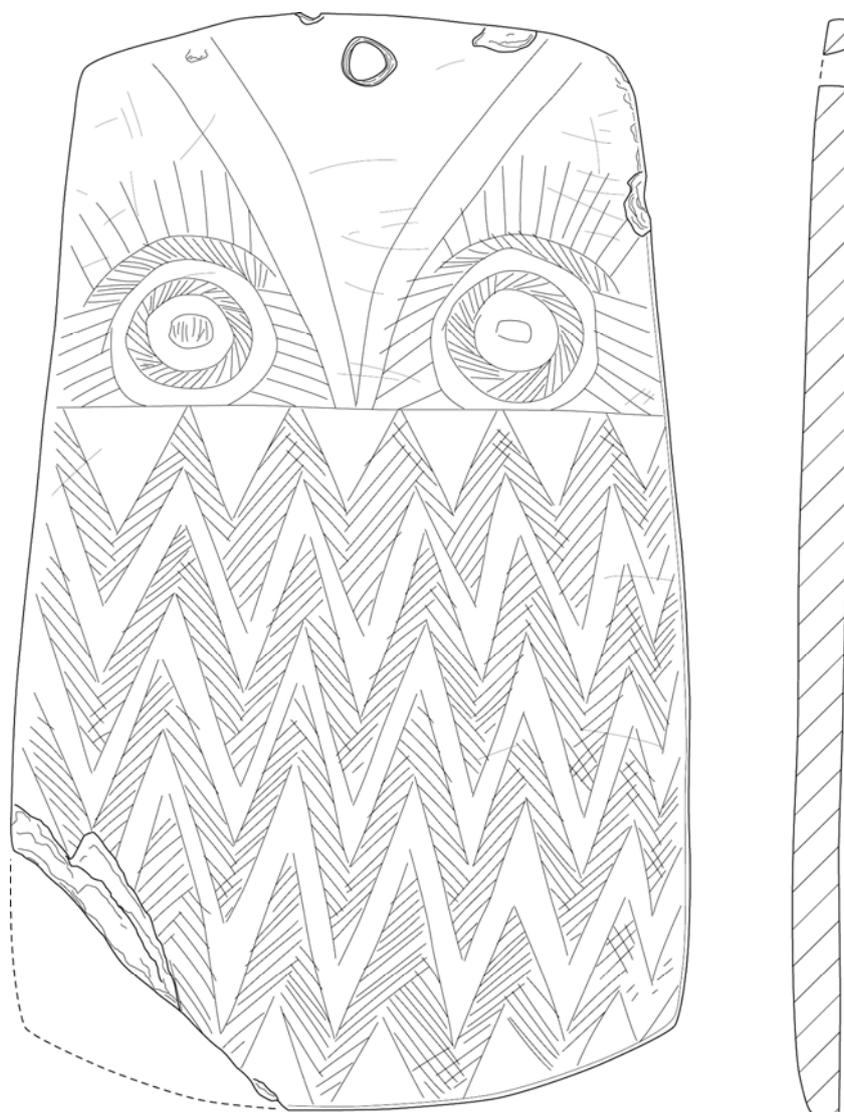


Fig. 5: Principais vestígios de povoamento na envólveca «necrópole» megalítica da Herdade Grande e da «necrópole» megalítica de Arneiros/Pessilgais. Os círculos correspondem a monumentos megalíticos, os quadrados correspondem a espaços de habitata.



PSG-2
FRONT.1.143



Fig. 6: Placa de xisto recolhida à superfície na Anta de Pessilgais 2 pelo Casal Leisner.